

opinião / Praça da Liberdade

Silva Rocha, o Gaudí português



Maria João Fernandes
Associação Internacional de Críticos de Arte

Francisco Augusto da Silva Rocha é autor do mais importante núcleo de arquitetura arte nova em Portugal e a sua obra é já uma referência na Europa. É da maior justiça o seu reconhecimento em Portugal e em Aveiro, que a viu nascer, com a dignificação da sua memória e com a atribuição do seu nome ao Museu de Arte Nova, antiga casa de Mário Pessoa.

A atribuição do seu nome ao Museu de Arte Nova de Aveiro, ex-líbris da arte nova de Aveiro e do nosso país, precisamente como forma de justo reconhecimento da sua obra, foi subscrita, entre 2007 e a atualidade, num abaixo-assinado no qual merece destaque Marcelo Rebelo de Sousa, presidente da República, entre um conjunto de personalidades, portuguesas e estrangeiras. No Museu de Arte Nova, que até hoje carece de conteúdo e que se inaugurou em janeiro de 2009, com a exposição que comissariei "Francisco Augusto da Silva Rocha, arquiteto artista", poderia ser reunido o importante espólio do seu autor. Desse abaixo-assinado (2007-2016), entre muitos outros, salientam-se os depoimentos de Siza Vieira: "Acho evidente e incontornável que o nome de Silva Rocha seja atribuído ao Museu de Arte Nova de Aveiro, considerando que ele é protagonista maior da construção e do caráter da cidade de Aveiro da sua época" (Porto, 13 de março de 2008); Marcelo Rebelo de Sousa: "É com muita honra que junto a minha voz

de leigo aos testemunhos ilustres e eloquentes, todos sublinhando o contributo ímpar de Silva Rocha e defendendo a imperiosa justiça de ver devidamente homenageado esse contributo, nomeadamente atribuindo o seu nome ao Museu de Arte Nova e revelando o seu espólio no contexto desse museu. Nunca é tarde para homenagens justas, e Aveiro é terra de liberdade e de reconhecimento do mérito. Tudo razões bastantes para que corresponda ao apelo de tantos, tão notáveis e tão assertivos nos seus depoimentos" (23 de dezembro de 2015); e Eduardo Lourenço: "É da mais elementar justiça perpetuar condignamente a memória de uma personalidade artística tão singular como a do arquiteto Silva Rocha, não apenas profeta mas autor das belas expressões da arte nova de

que se honra a sua cidade, Aveiro, e para além dela o país inteiro. Que melhor maneira de o homenagear do que dar o seu nome ao novo Museu de Arte Nova? Espanta é que a lembrança venha tão tarde" (Lisboa, 24 de maio de 2008).

Se infelizmente se mantém a sabedoria do dito popular e ninguém é profeta na sua terra, há que fazer justiça a um dos vultos maiores da cultura do seu tempo, dignificando o seu nome e a sua obra. Pintor e ilustrador, Silva Rocha, arquiteto artista, é o criador de um padrão de beleza e totalidade, que reflete simultaneamente a harmonia e a ordem da natureza, próprias de um modelo clássico (evocando o ideal da divina proporção, a regra de ouro praticada no Renascimento), e a fugacidade e o esplendor das suas formas, características

de um modelo barroco. Manifestam a ligação a um modelo clássico a Escola Industrial Fernando Caldeira (1903) e o Hospital da Misericórdia de Aveiro (1900). Em 1908, com o edifício desenhado para Mário Belmonte Pessoa, afirma-se a vertente barroca e ornamental da sua obra. Uma e outra destas vertentes, em dinâmico diálogo, contribuirão, numa fusão progressiva, para a criação do muito particular e original estilo que apresenta no motivo das rosas em cruz, imagem da junção do humano, do cósmico e do divino, em duas das suas criações, o Banheiro de Espinho e a Casa de Francisco Maria Simões, em Salreu, um dos mais belos símbolos da arquitetura arte nova europeia.

Silva Rocha é o criador entre nós de um estilo incomparável, de um paradigma de uma expressão total que reúne o equilíbrio clássico e o dinamismo barroco, dando forma, sob o signo da profunda harmonia com o Cosmos, a um novo padrão de beleza, que a rosa, emblema da sua obra, simboliza. Deve ser considerado entre os maiores arquitetos europeus do seu tempo, como o catalão Gaudí, que se notabilizou por ter criado um estilo que foge a todas as regras e não aceita senão as da profunda originalidade que o norteia em sintonia com a estética sua contemporânea, mas não se submetendo a ela. Se é verdade que não há profetas na sua terra, e apesar disso, compete a Aveiro receber e acarinhar esta herança extraordinária, fazendo-a frutificar e dignificando o seu autor e a sua obra.



Silva Rocha deve ser considerado entre os maiores arquitetos europeus do seu tempo, como o catalão Gaudí. Compete a Aveiro receber e acarinhar a sua herança extraordinária, fazendo-a frutificar e dignificando o seu autor e a sua obra.

Problemas de memória



Rui Sá
Engenheiro

Lerónimo de Sousa conta, com pláida, que quando foi eleito para a Assembleia Constituinte, com vinte e poucos anos, ao entrar pela primeira vez em S. Bento, um funcionário, habituado ao estilo da então Assembleia Nacional, o tratou por "senhor doutor". E que, perante a resposta de que não o era, rapidamente o funcionário retorquiu "desculpe, senhor engenheiro". Tenho-me lembrado

desta história quando vejo, agora, a vergonhosa situação de um assessor e de um chefe de gabinete do atual Governo, que mentiram dizendo que tinham licenciaturas (um deles até tinha duas!) quando as não têm. Do mesmo modo que vimos a forma como Sócrates ou Miguel Relvas tiraram as suas licenciaturas (de tal modo escandalosas, que a este último a mesma lhe foi retirada!). Problema do país que apenas valoriza este estatuto? Também, mas tal não pode servir de desculpa. A essência do problema está no caráter de quem recorre a estes subterfúgios.

2 No passado dia 27, João Miguel Tavares, no "Público", escreveu um artigo intitulado "É difícil ser de Direita em Portugal". No mesmo dia, aqui, no JN, Nuno Melo escrevia um artigo intitulado "É fácil ser de Esquerda em Portu-

gal". Com estilos diferentes, os conteúdos dos artigos eram parecidos, provando que a agência de comunicação da Direita funciona bem. Querem eles fazer-nos crer que à Esquerda tudo se perdoa, enquanto à Direita nada é perdoado. Por outras palavras, as decisões da Direita merecem o repúdio da opinião pública e da comunicação social. E medidas "semelhantes" (na opinião deles...) tomadas pela Esquerda são encaradas com benevolência e mesmo cumplicidade. Já não dá para esconder que, afinal, o diabo não chegou em setembro e que, ao contrário das suas profecias, o déficit não subiu por aí acima, apesar da reposição de salários, pensões, feriados e outros direitos surriplados pela Direita. O problema agora é, coitados, a incapacidade dos portugueses e da comunicação social de verem o que a eles pa-

rece óbvio! Como dizia a mãe do soldado a desfilarem na parada em dia de juramento de bandeira: só o meu filho marcha direlto, os outros vão todos com o passo trocado! Enfim, entraram na fase Callmero...

3 O Ministro das Finanças alemão decidiu dizer, numa conferência de imprensa na Roménia, que Portugal "estava a ser muito bem-sucedido até ao novo Governo". O primeiro-ministro português reagiu, bem, dizendo mais ao menos que "vozes de burro não chegam ao Céu". Mas esta afirmação do senhor Schauble (que se segue à da chanceler alemã, que dizia que Portugal tinha licenciados a mais...) demonstra que, hoje, os governantes alemães falam dos restantes países europeus como se tivessem ganho a 2.ª Guerra Mundial! O que é intolerável!